



6 • Correio Braziliense — Brasília, quinta-feira, 17 de março de 2022

Bolsas Na quarta-feira São Paulo Nova York	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias 111.713 111.112 11/3 14/3 15/3 16/3	Salário mínimo R\$ 1.212	Dólar Últimas cotações (em R\$) Na quarta-feira R\$ 5,093 (-1,27%) 10/março 5,016 11/março 5,054 14/março 5,120 15/março 5,159	Euro Comercial, venda na quarta-feira R\$ 5,625	Capital de giro Na quarta-feira 6,76%	CDB Prefixado 30 dias (ao ano) 11,67%	Inflação IPCA do IBGE (em %) Setembro/2021 1,16 Outubro/2021 1,25 Novembro/2021 0,95 Dezembro/2021 0,73 Janeiro/2022 0,54
--	--	---	--	---	---	---	--

CONJUNTURA

Selic vai a 11,75% com expectativa de alta

Comitê de Política Monetária confirma a previsão do mercado, eleva a taxa básica de juros em um ponto percentual e sinaliza que vai repetir o ajuste em maio

» ROSANA HESSEL

Na segunda reunião do ano do Comitê de Política Monetária (Copom), o Banco Central decidiu, ontem, elevar a taxa básica da economia (Selic) de 10,75% para 11,75% ao ano, em linha com as expectativas do mercado. O BC ainda sinalizou nova alta “da mesma magnitude” para o próximo encontro do colegiado, nos dias 3 e 4 de maio, quando os juros básicos devem subir para 12,75% anuais.

A decisão foi unânime. Passado um ano desde o início do ciclo de aperto monetário, com nove altas consecutivas da Selic, os juros básicos voltaram ao patamar mais elevado desde abril de 2017. E, com base em um levantamento feito pela Infinity Asset Management com as projeções para os juros reais (descontada a inflação) para os próximos 12 meses, o Brasil tem a segunda maior taxa do mundo, de 7,10% ao ano, patamar acima do registrado durante o governo da ex-presidente Dilma Rousseff, de 4,82%. No ranking de 40 países, o juro real brasileiro só fica atrás do da Rússia, de 30,07% anuais.

De acordo com analistas, a tendência é de que a Selic continue subindo, pelo menos até junho. Nesse mês, o BC deverá avaliar novamente se interrompe ou dá continuidade ao ciclo, deixando a Selic em torno de 13% a 13,25% ao ano.

No comunicado de ontem, o Banco Central demonstrou preocupação com a disparada da inflação por conta dos efeitos da guerra na Ucrânia, que se ancoraram nas expectativas do mercado. “O Copom considera que, diante de suas projeções e do risco de desancoragem das expectativas para prazos mais longos, é apropriado que o ciclo de aperto monetário continue avançando significativamente em território ainda mais contracionista”



O Copom considera que, diante de suas projeções e do risco de desancoragem das expectativas para prazos mais longos, é apropriado que o ciclo de aperto monetário continue avançando significativamente em território ainda mais contracionista”

Comunicado do BC

está comprometido com o sistema de metas e deu um recado duro e consistente com essa visão de que a inflação vai ser mais alta em 2022 e em 2023”, acrescentou.

No comunicado, o Copom admitiu o aumento de incertezas em relação ao compromisso de cumprimento das regras fiscais. Isso se deve, em grande parte, às medidas cogitadas pelo governo e pelo Congresso para conter o aumento dos combustíveis. Há um risco de medidas populistas, a fim de garantir a reeleição do presidente Jair Bolsonaro (PL), serem adotadas, aumentando ainda mais o rombo das contas públicas. “O Comitê avalia que a incerteza em relação ao arcabouço fiscal mantém elevado o risco de desancoragem das expectativas de inflação, mas considera que esse risco está sendo parcialmente incorporado nas expectativas de inflação e preços de ativos utilizados em seus modelos”, alertou a nota.

Para o economista Gustavo Arruda, chefe de pesquisa econômica para América Latina do BNP Paribas, esse ponto é importante porque é o que vai pressionar a inflação nos próximos meses e manter a taxa Selic acima “em dois dígitos até o fim de 2023”. “A decisão do Copom era esperada, mas um dos pontos importantes do comunicado é que o BC sinalizou que, se for necessário e as expectativas de inflação indicarem a necessidade de mais altas dos juros, ele não vai ter restrições em efetua-las”, disse.

Pós-pandemia

Os analistas, contudo, reconhecem que a decisão não vai ajudar na retomada da economia pós-pandemia, podendo atrapalhar os planos de reeleição de Bolsonaro. Com juros cada vez mais elevados, o Produto Interno Bruto (PIB) dificilmente vai decolar como prometeu o ministro da Economia, Paulo Guedes. O custo para os empréstimos deve subir para as famílias, que já estão com níveis recordes de endividamento, travam um dos motores do crescimento: o consumo. E, para as empresas, os financiamentos devem ficar mais caros, ajudando a travar qualquer processo de investimentos do setor produtivo, e, conseqüentemente, de geração de empregos.

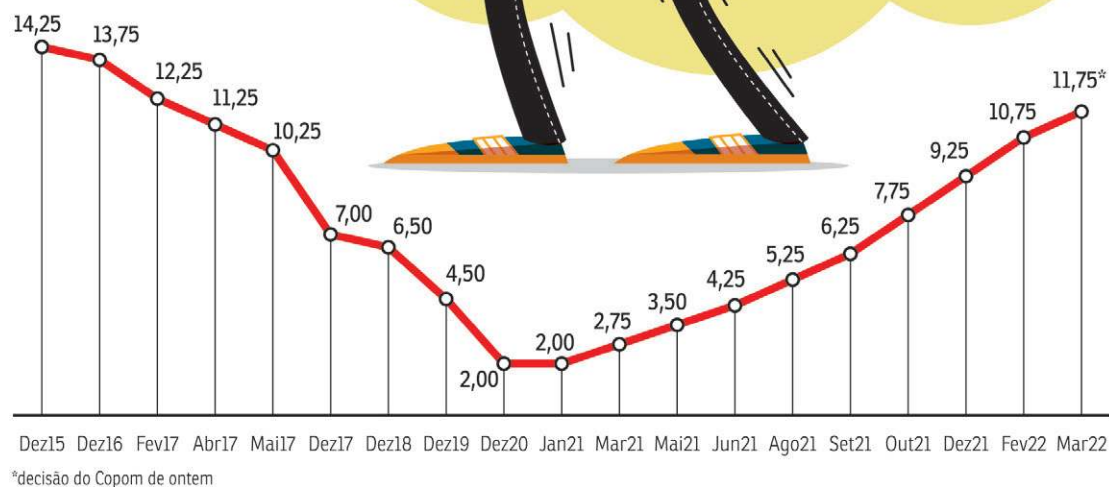
Apesar de atender às expectativas do mercado financeiro, o Copom desagradou o empresariado. “O BC cumpriu o que prometeu. Mas acho que o BC, dessa vez, vai se arrepender de dizer que a próxima alta será de 1%. É impossível adivinhar amanhã, ainda mais em maio deste ano. É uma péssima

Um ano de altas

Banco Central eleva a taxa Selic pela nona vez consecutiva e juros voltam para o maior patamar desde abril de 2017

Evolução dos juros básicos

Taxa Selic (Em % ao ano)



*decisão do Copom de ontem

Para onde vai o custo do crédito

Veja algumas projeções da Anefac para o consumidor brasileiro com a nova taxa Selic

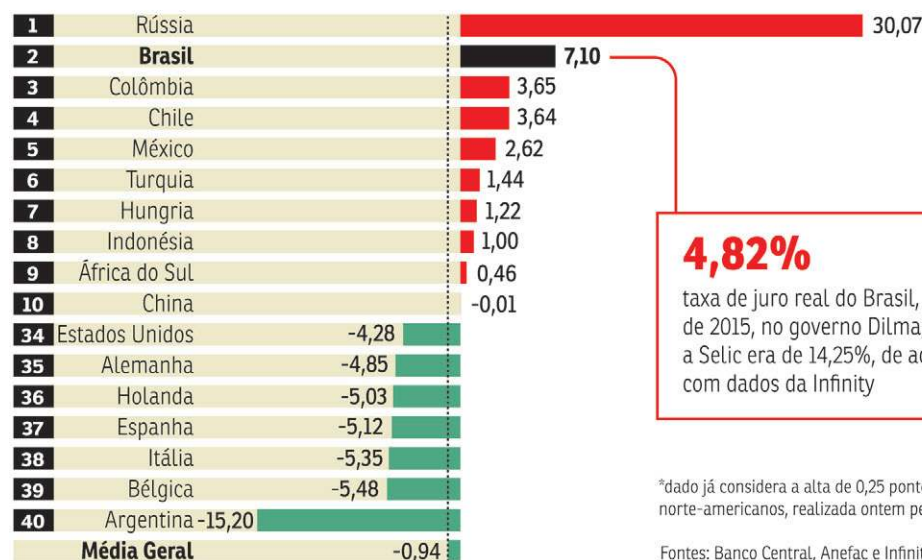
Linha de crédito	Selic — 10,75%		Selic — 11,75%	
	Ao mês (Em%)	Ao ano (Em%)	Ao Mês (Em%)	Ao ano (Em%)
Juros do Comércio	5,16	82,90	5,24	84,57
Cartão de crédito	13,50	357,04	13,58	360,92
Cheque Especial	7,77	145,46	7,85	147,65
Financiamento Veículos	1,93	25,78	2,01	26,97
Empréstimo Pessoal - Bancos	3,82	56,81	3,90	58,27
Taxa Média	6,51	113,23	6,59	115,16

Ranking global

Brasil perde liderança para a Rússia na listagem de 40 países com as maiores taxas de juros do mundo

Taxas de juros atuais — descontadas a inflação projetada para os próximos 12 meses (ex-ante)

Taxa de juro real (em % ao ano)



4,82%

taxa de juro real do Brasil, em junho de 2015, no governo Dilma, quando a Selic era de 14,25%, de acordo com dados da Infinity

*dado já considera a alta de 0,25 ponto percentual nos juros norte-americanos, realizada ontem pelo Federal Reserve

Fontes: Banco Central, Anefac e Infinity Asset Management

expectativa”, afirmou Carlos Thadeu de Freitas Gomes, ex-diretor do Banco Central e economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC).

O presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado

de São Paulo (Faesp), Fábio de Salles Meirelles, disse, em nota, que a manutenção da Selic em patamares elevados será uma “bomba de fragmentação” sobre os custos de produção do setor, “com reflexos inevitáveis nos preços de alimentos, commodities,

insumos e biocombustíveis”.

A Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), por sua vez, afirmou, em nota, que “a alta da Selic já compromete a recuperação econômica consistente em 2022, porque a atividade ainda segue fragilizada”.

Fed também sob pressão

Em dia de decisão de política monetária no Brasil e nos Estados Unidos, a chamada “superquarta” do mercado financeiro, o Federal Reserve (Fed, o banco central norte-americano), anunciou aumento na taxa básica de juros norte-americana. É a primeira vez que o Fed adota tal medida desde 2018.

O Fomc, comitê de política monetária do Fed, elevou os juros básicos em 0,25 ponto percentual, fazendo o intervalo da taxa ficar entre 0,25% e 0,5% ao ano. A decisão ocorreu em linha com as expectativas do mercado, mas não foi consensual.

Analistas reconhecem que, quando os juros na maior economia do planeta sobem, o fluxo de capital estrangeiro muda de direção. O resultado esperado daqui para frente é conhecido: os países emergentes deixam de ser o destino de investidores de curto prazo, e suas moedas passam a se desvalorizar.

No comunicado, o Fomc sinalizou preocupação com a disparada da inflação nos Estados Unidos. Em fevereiro, ela atingiu 7,9% no acumulado em 12 meses — o maior patamar desde janeiro de 1982 —, antes mesmo das pressões inflacionárias decorrentes da guerra na Ucrânia. Com esse cenário, Felipe Rodrigo de Oliveira, economista da MAG Investimentos, prevê os juros americanos chegando a 2% ao ano entre setembro e outubro.

“Na estratégia de ‘não fazer marola’, o comunicado pós-reunião do Fomc foi o mais sucinto possível”, avaliou o economista-chefe do Banco Alfa, Luis Otávio de Souza Leal. “Pouco ou nada foi dito a respeito dos próximos passos da política monetária do Fed. Apenas indicou que serão necessárias novas altas e que a decisão a respeito da redução do balanço de ativos será tomada nas próximas reuniões”, acrescentou.

Na avaliação de Leal, o comunicado do Fomc foi hawkish (mais agressivo na condução da política monetária), mas não pelo que disse, “mas pelo que mostrou que vai fazer”. “Isso reforça a nossa projeção de juros ao final do ano em 2% e de final de ciclo em 3%”, concluiu. Ele apostava alta de 0,25 ponto percentual na decisão do Fomc e alta de 1,0 ponto percentual na taxa básica da economia (Selic). “Os bancos centrais querem evitar mais agitação no mercado. Há muita volatilidade no mercado por conta da guerra e das incertezas”, disse.

André Perfeito, economista-chefe da Necton Investimentos, também aposta em novas altas de juros nos EUA. “O Fed citou o conflito da Ucrânia como um motivo adicional de incerteza e a inflação corrente em alta”, destacou.

Segundo ele, falta sinalização sobre o programa de redução de ativos, o tapering, o que pode deixar esse assunto “soando frouxo”, fazendo os juros mais curtos dispararem. Com isso, a decisão do Fed, na avaliação dele, não agradou aos investidores e deve reforçar o sentimento de que será necessário mais altas de juros. (RH)